



Relação médico-paciente lidera causas de processos éticos no Cremesp

A ginecologia e obstetrícia lidera a lista de especialidades médicas com maior número de processos no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp). Em segundo lugar, a clínica médica e, em terceiro, a ortopedia. Se a estimativa for

Estudante apura quase 5 mil casos de 1995 até 2003

por coeficiente de processados e condenados, o profissional mais citado é o cirurgião-plástico, seguido pelo neurocirurgião. Os envolvidos estão na faixa etária

dos 49 anos e possuem aproximadamente 19 anos de atuação na carreira profissional. A apuração foi feita por Fernando dos Ramos Seugling, do sexto ano da Medicina, em trabalho de iniciação científica que contou com bolsa do CNPq e a orientação do professor Roberto Teixeira Mendes, da Faculdade de Ciências Médicas.

O objetivo do trabalho foi estabelecer os fatores determinantes dos processos ético-disciplinares e das condenações deliberados pelo Cremesp. Para isso, Seugling vasculhou os arquivos do órgão e analisou dados dos 4.806 processos entre 1995 e 2003. Neste mesmo período, 1.146 médicos foram condenados. O estudo revelou que a grande maioria dos processos, 83,1%, envolve profissionais do sexo masculino; as mulheres constituem um universo bem menor: 16,9%.

As maiores violações observadas no estudo referem-se a problemas na relação médico-paciente, e



Fernando Seugling, do 6º ano da Medicina: violação mais comum refere-se à relação médico-paciente

Foto: Antoninho Perri

chama a atenção o número de casos de prática da medicina como comércio, como por exemplo, os vínculos de oftalmologistas com as lojas óticas e as propagandas enganosas de cirurgiões plásticos. Outro motivo de processo é a negligência. A respeito da liderança ocupada pela ginecologia e obstetrícia, apresentam-se justificativas como a natureza do trabalho – que envolve situações de risco e emergenciais como partos, cirurgias e outros – e a extensa jornada de trabalho cumprida pelos profissionais.

O caso do ex-pediatra Eugenio Chipkevitch, condenado por pedofilia em 2002, foi um dos mais recentes que resultaram em penalidades aplicadas pelo Cremesp. Especialmente neste caso, que ganhou as páginas da imprensa, a sentença de cassação do registro profissional do médico foi deliberada em prazo relativamente curto. No entanto, os processos podem levar até três anos para irem a julgamento. Depois que o Cremesp recebe a denúncia originada pelos próprios médicos ou por pacientes e familiares, inicia-se uma sindicância e, havendo fortes indícios, é aberto processo ético-disciplinar, com oportunidades iguais para defesa e acusação. E então o julgamento sigiloso pelos conselheiros e a sentença. São cinco as penalidades: a advertência confidencial, a censura confidencial, a censura pública, a suspensão e a cassação do registro profissional. O índice de absolvição é grande, representando cerca de 50% dos processados. Em 2003 havia 84 mil médicos ativos no Estado de São Paulo.



Alessandra Brito, do Instituto de Economia: análise de um universo de 22 milhões de pessoas

Quem vive com o mínimo nas regiões metropolitanas

O s profissionais que ganham salário mínimo nas regiões metropolitanas, em sua maioria, são homens com idade entre 25 e 44 anos que não completaram o primeiro grau. A conclusão faz parte do estudo de iniciação científica realizado por Alessandra Scalon Brito, orientada pelo professor Paulo Eduardo de Andrade Baltar, do

Homens têm entre 25 e 44 anos e 1º grau incompleto

Instituto de Economia. A partir dos dados constantes na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) – divulgada pelo IBGE – referentes ao período de 1992 a 2003, Alessandra

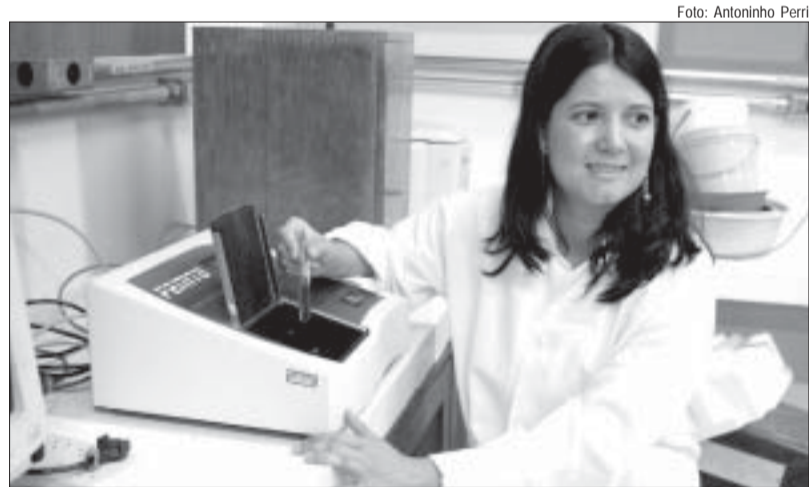
fez uma análise detalhada para traçar o perfil dos trabalhadores que ganham salário mínimo no Brasil.

A pesquisa considerou os ocupados residentes em metrópoles que constituem um universo de 22 milhões de pessoas. “As pequenas localidades poderiam levar a discrepâncias nos resultados. Os aposentados também não entram na pesquisa por merecerem um estudo à parte”, explica a estudante. Foram consideradas as regiões Nordeste, Sudeste e Sul, e com São Paulo sendo que tratada separadamente por envolver um número elevado de ocupados.

Em uma primeira etapa de análises, a pesquisa financiada pelo CNPq revelou que, embora a maioria daqueles que ganham salário mínimo nas regiões metropolitanas não tenha completado o primeiro grau (47,1%), percebe-se que ao longo do período dobrou o índice de trabalhadores com segundo grau completo. Em 1992, a porcentagem era de 12,3%, enquanto 2003 registrou 27,3% dos trabalhadores com maior escolaridade. “Isto significa que a população está mais escolarizada, mas a economia não gerou empregos capazes de absorver essa força de trabalho mais educada”, avalia Alessandra.

Outra questão a ser destacada no estudo é a diminuição da proporção de jovens com menos de 20 anos que ganham o mínimo. Em 1992, esses trabalhadores com até 19 anos constituíam 20,3% e, em 2003, o número caiu para 12,5%. Por outro lado, na faixa entre 20 e 44 anos, o número subiu para 66,8%. Os ocupados com mais de 45 anos somavam 16,1% em 1992 e, no ano de 2003, foram para 20,7%. O olhar mais atento para a região Nordeste mostra números ainda mais diferenciados. Ali, em 2003, os jovens com até 19 anos constituíam 6,6% do total de ocupados que ganham um salário mínimo; entre 20 e 44 anos essa proporção chega a 76,3%.

Segundo Alessandra Brito, sua pesquisa contribui para desmistificar a ideia de que o salário mínimo é geralmente a remuneração dos jovens não inseridos plenamente no mercado, como estagiários, trainees ou de primeiro emprego. A grande maioria é de pessoas de referência no domicílio e, além disso, o fato de estarem na faixa entre 20 e 44 anos significa que não se trata de início de uma carreira profissional. “O que se espera é que uma pessoa com idade entre 25 a 30 anos já esteja inserida no mercado com bons salários”, argumenta. A próxima etapa do trabalho será descrever o domicílio das pessoas que ganham o mínimo para completar o perfil desta categoria de trabalhadores.



Tânia Pinheiro, do Instituto de Química: procedimento diminui custo de quantificação em até dez vezes

Foto: Antoninho Perri

Um processo mais barato para dosagem de fármaco

O princípio ativo acetato de medroxiprogesterona (AMP) é largamente utilizado no Brasil não só pelo seu efeito contraceptivo, mas também no tratamento de alguns tipos de câncer. Em certos casos a ingestão pode causar efeitos colaterais desfavoráveis e, por isso, sua dosagem deve ser extremamente controlada, sendo que as técnicas usuais são altamente especializadas e de custo elevado. Nesse sentido, a pesquisa

Princípio ativo é usado para contracepção e cânceres

de mestrado de Tânia Aparecida Lopes Pinheiro, orientada pela professora Adriana Vitorino Rossi, do Instituto de Química, contribui para baratear o

processo de quantificação do fármaco. Pela proposta, chega-se a diminuir em pelo menos dez vezes o preço das análises, economia que contempla principalmente hospitais e farmácias de manipulação.

Tânia Pinheiro sabia que a técnica recomendada pela farmacopéia

americana para análise de AMP, a cromatografia líquida de alta eficiência (HPLC), requer equipamento sofisticado e reagentes caros. Seu interesse pelo tema aumentou em conversas com profissionais do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), quando tomou ciência das dificuldades com a falta de equipamentos – um cromatógrafo custa em média US\$ 50 mil. “Surgiu assim a ideia de desenvolver um método que permitisse resultados eficientes sem um custo tão elevado, e em que a análise pudesse ser realizada mesmo em laboratórios com pouca infraestrutura instrumental”, explica.

O trabalho de Tânia surpreendeu, também, por conseguir resultados favoráveis a partir de procedimentos clássicos da química, como medida de ponto de fusão e *spot test*, introduzidos para identificar previamente o AMP a ser analisado. Essa parte da pesquisa teve a colaboração de Luciana Foltran Martins, bolsista do CNPq, em projeto de iniciação científica.

A produção enxuta que não enxuga quadros

Dois trabalhos desenvolvidos na Faculdade de Engenharia Mecânica, orientados pelo professor Paulo Corrêa Lima, trazem ao centro das discussões a implementação da filosofia de “produção enxuta”, baseada no Sistema Toyota de produção e controle de qualidade total. Originalmente utilizada para aumentar a produtividade e melhorar fluxos de processos nas linhas de produção em indústrias, o engenheiro Robisom Damasceno Calado conseguiu eliminar o risco de acidentes de trabalho na manipulação de materiais em uma fábrica de refrigeradores da região de Campinas. Segundo Calado, o trabalho pode motivar a implementação desse tipo de melhoria em empresas do ramo e de outros segmentos. No outro estudo, o engenheiro Adalberto Lima valeu-se das mesmas ferramentas e conceitos para otimizar processos de compras e minimizar as atividades burocráticas em um hospital do interior de São Paulo.

A filosofia da produção enxuta contempla uma série de princípios e regras visando maior produtividade com melhor qualidade, por meio da eliminação de desperdícios e da redução dos custos operacionais. Robisom Calado explica que o sistema pode ser aplicado em qualquer atividade que envolva pessoas e processos, ressaltando que o fato de ser considerada “enxuta” não significa necessariamente o “enxugamento” de pessoas. Pelo contrário, nos dois estudos o resultado foi de aumento dos postos de trabalho, o que significa que se deixou de fazer o que não agregava valor para se ocupar do que realmente era útil. “Criou-se um fluxo enxuto e contínuo em que cada um sabe bem o quê e quando fazer” esclarece.

Além da maior produtividade, o sistema também visa reduzir o desperdício e aumentar a qualidade. “Para citar um exemplo próximo, podemos imaginar a dona-de-casa em sua cozinha no momento em que executa várias atividades ao mesmo tempo. A logística e a dinâmica do fluxo exige dela uma organização das atividades desenvolvidas. Isto é um caso de otimização de processo”, esclarece Adalberto Lima. Uma das dificuldades, segundo os pesquisadores, é que não basta a utilização das ferramentas sem que se atinja uma cultura organizacional, visto que a disposição e a colaboração dos funcionários são fundamentais.

Os engenheiros Adalberto Lima e Robisom Calado: filosofia mostra resultados em fábrica e hospital



Foto: Neldo Cantiani